



Site do autor: livrosqueardem.com

ARTIGO 11

(Transporte)

1. O Presidente da República, após a cessação de funções, tem direito aos seguintes meios de transporte:

- a) duas viaturas protocolares;
- b) duas viaturas de escolta;
- c) uma viatura de serviço afectada à residência;
- d) duas viaturas de uso pessoal para cônjuge e filhos menores ou incapazes a seu cargo; e
- e) uma viatura de serviço afectada ao Gabinete de Trabalho.

2. A aquisição e manutenção das viaturas referidas no número 1 compete à Casa Militar e são substituídas por novas, quando tiverem, pelo menos 5 anos de uso ou por outra causa justificada.

ARTIGO 12

(Assistência Médica e Medicamentosa)

1. O Estado suporta as despesas com a assistência médica e medicamentosa, para o Presidente da República, após cessação de funções, seu cônjuge, filhos menores ou incapazes, e ascendentes a seu cargo nos termos da legislação aplicável.

2. O Estado garante um Seguro de Saúde para o Presidente da República após cessação de funções, seu cônjuge, filhos menores ou incapazes a seu cargo.

3. O direito referido nos números anteriores extingue-se por morte de qualquer dos beneficiários, ou quando altera o estado civil do cônjuge sobrevivente, ou, ainda, quando os descendentes se tornem capazes ou atinjam a maioridade civil.

Prólogo — Ao Leitor que Ainda Tem Esperança (ou Estômago)

Aqui, o que há é apenas um homem, um bocejo e um país inteiro a fingir que não está cansado.

Chamo-me Alfredo Kuhlupheka.

Não sou herói, nem vilão, nem sequer testemunha confiável. Sou , no máximo, funcionário público — e isto, meu caro leitor, já é uma forma bastante sofisticada de ficção. Trabalho há anos num gabinete onde os papéis entram para envelhecer e saem para desaparecer.

— Alfredo! — chamam-me às vezes.

E respondo.

Não por entusiasmo, mas por hábito — essa força invisível que governa mais vidas do que qualquer decreto.

Não salvo ninguém, não derrubo regimes, não discurso em praças. O máximo que já fiz foi sobreviver a um almoço mal digerido e a uma reunião de três horas sem água — feitos, convenhamos, de considerável bravura moral.

Mas há um momento — ah, sempre há um momento — em que até o mais resignado dos homens tropeça numa verdade. No meu caso , essa verdade veio impressa, numerada e devidamente carimbada: os famosos Artigos 11 e 12.

Se não sabes o que é, tanto melhor. A ignorância, nestas matérias, é uma forma de descanso.

Se sabes... bem, então já começamos a ser cúmplices.

Devo ainda dizer-te, antes que prossigas, que esta narrativa não pretende mudar nada. Seria pretensão excessiva e, francamente, indelicada. O mundo, como bem sabes, tem horror a ser corrigido. Prefere ser observado — com ironia, se possível, e com alguma elegância no sofrimento.

— Vale a pena continuar? — perguntas talvez.

Depende.

Se tens pressa, não.

Se tens paciência, talvez.

Se tens esperança... recomendo cautela.

Porque esta história, leitor, é como certas refeições populares: pode até não te matar, mas deixa-te com uma sensação persistente de que algo, em algum lugar, está profundamente errado — e perfeitamente organizado.

Adiante, pois.

Já bocejo.

E o Estado, como sempre, já está acordado.

Do Bocejo que Quase Foi Fatal

Confesso-vos: a notícia chegou-me ao gabinete entre um bocejo e uma carimbada, e por pouco não me custou a vida.

— Alfredo, acorda — disse-me o colega Janeiro, com a delicadeza de um tambor de guerra.

— Estou acordado — respondi —, apenas em estado de contemplação administrativa.

Foi então que li o tal Artigo 11. Nove viaturas.

Nove.

Não ri de imediato. O riso, como certas decisões do Estado, exige maturação.

Mas quando veio, veio com violência.

— Estás bem? — perguntou Janeiro.

— Nunca estive tão próximo da eternidade — respondi, entre soluços.

Zulmira e a Queda da Caneca

Cheguei a casa e encontrei minha esposa, Zulmira, com o Diário Oficial aberto como quem segura um romance policial.

— Alfredo, isto é verdade? — perguntou ela.

— Minha querida, no nosso país, a verdade é sempre aquilo que está carimbado.

Ela leu em voz alta:

— “Nove viaturas... duas de escolta...”

A caneca tremeu.

— E nós? — perguntou ela.

— Nós temos fé — respondi —, que é um transporte invisível, mas muito resistente.

Do Número Nove e Suas Revelações

Passei a noite a meditar sobre o número nove.

— Não é um número qualquer, Zulmira — expliquei. — É quase teológico.

— Teológico?

— Sim. Representa a plenitude... da gasolina alheia.

Ela suspirou.

— Alfredo, tu devias ter sido padre.

— E perder esta carreira brilhante de burocrata de terceira classe?

Do Transporte Coletivo e da Filosofia das Sardinhas

Na manhã seguinte, embarquei no chapa.

— Encosta mais! — gritava o cobrador.

— Onde? No pensamento? — respondeu um passageiro.

Fui comprimido entre um senhor de suor filosófico e uma senhora de indignação crónica.

— Isto não é transporte — disse ela —, é experiência científica.

— Concordo — acrescentei —, estamos a testar os limites da matéria humana.

Pensei nas nove viaturas.

Ali, éramos quinze por metro quadrado.

Da Escolta e do Medo Imaginário

No gabinete, o assunto era único.

— Duas viaturas de escolta! — exclamou Janeiro.

— Natural — respondi —, o perigo é imenso.

— Qual perigo?

— Um olhar invejoso, uma crítica mal-intencionada, um cidadão acordado...

Janeiro coçou a cabeça.

— Alfredo, estás a gozar.

— Meu caro, eu trabalho no Estado. A minha vida é uma longa forma de gozo involuntário.

Da Farmácia e dos Mitos Urbanos

Fui à farmácia do posto.

— Tem paracetamol? — perguntei.

O farmacêutico riu-se.

— O senhor acredita em tudo.

— Então o que têm?

— Temos esperança... em cápsulas imaginárias.

— E aspirina?

— Só em discursos oficiais.

Saí de lá curado... da expectativa.

Do Alto e do Leite com Mel

Em casa, contei a Zulmira.

— Lá no alto — disse eu —, a aspirina corre como leite e mel.

— E aqui?

— Aqui corre o suor... e às vezes lágrimas, quando há água.

Ela sentou-se.

— Alfredo, isto é injusto.

— Minha querida, a injustiça é o cimento da nossa estabilidade.

Da Comunidade Internacional e Seus Óculos Escuros

À noite, ligámos a televisão.

Um comentarista falava com entusiasmo:

— A comunidade internacional continua a apoiar o Orçamento !

— Claro — murmurei.

— Não concordas? — perguntou Zulmira.

— Concordo plenamente. Apoiar sem questionar é a forma mais elegante de generosidade.

— És um cínico.

— Não, sou apenas bem informado.

Dos Filhos e da Gramática do Silêncio

Os meus filhos aproximaram-se.

— Pai, o que é um ex-presidente? — perguntou o mais novo.

Pensei.

— É alguém que continua... mas de forma mais confortável.

— E nós?

— Nós aprendemos.

— O quê?

— A gramática do silêncio... e a conjugação da paciência.

Eles não entenderam.

Fiquei aliviado.

Da Estrada Longa e do Ar Condicionado

Hoje, ao escrever estas linhas, compreendo enfim.

O ex-presidente não se aposenta.

Transforma-se.

— Em quê? — perguntou Zulmira, espreitando por cima do meu ombro.

— Numa pequena nação móvel — respondi —, com frota própria e saúde garantida.

Olhei pela janela.

O sol queimava a cidade com a imparcialidade de sempre.

— Alfredo — disse ela —, e nós?

Sorri, com a serenidade de quem já não espera nada, mas observa tudo.

— Nós somos o combustível, minha querida.

— Combustível?

— Sim. Ardemos... para que a viagem deles seja confortável.

Ela ficou em silêncio.

E eu também.

Porque, como já ensinava um velho mestre, há verdades que, ditas em voz alta, perdem a elegância — e ganham uma perigosa tendência para mudar o mundo.

Epílogo — Em Que se Fecha o Que Nunca Esteve Aberto

Chegámos ao fim, leitor — o que, convenhamos, é sempre uma ousadia, sobretudo em histórias como esta, onde nada propriamente começou.

Eu Alfredo Kuhlupheka, continuo vivo.

Não é pouca coisa.

Continuo no mesmo gabinete, com a mesma mesa que range como consciência antiga, o mesmo carimbo que desce com a gravidade de um destino já decidido, e o mesmo colega Janeiro que ainda acredita que um dia será promovido — fé que, por sua persistência, já devia ter sido oficialmente reconhecida como património imaterial.

— Alfredo — disse-me ele ontem —, viste que agora são dez viaturas?

Não respondi de imediato. Aprendi, ao longo dos anos, que certas informações exigem um pequeno luto antes de serem compreendidas.

— Natural — disse por fim. — O progresso não pode parar.

Em casa, Zulmira já não deixa cair a caneca. Evoluiu. Agora segura-a com ambas as mãos, como quem segura o próprio equilíbrio emocional.

— Ainda te surpreendes? — perguntou ela.

— Não — respondi. — Agora estudo.

— O quê?

— A consistência do absurdo.

Os filhos cresceram. Um deles já pergunta menos; o outro já não pergunta nada. Ambos aprenderam, sem que ninguém lhes ensinasse diretamente, a mais difícil das

disciplinas nacionais: a arte de não esperar.

E o país?

Ah, o país vai bem — dizem.

Funciona com aquela precisão admirável das coisas que nunca chegam ao destino, mas partem sempre com grande convicção. As leis continuam a ser escritas com elegância, as promessas com entusiasmo, e a realidade... bem, a realidade continua a ser um rascunho mal resolvido.

Quanto ao nosso antigo governante, consta que circula — ou melhor, desliza — pelas avenidas largas da sua nova existência, protegido, assistido, climatizado. Tornou-se, como previra, uma pequena nação móvel, com fronteiras bem definidas e acesso privilegiado ao conforto.

— E nós? — perguntou Zulmira, pela última vez, há dias.

Olhei para ela com uma serenidade quase científica.

— Nós somos estáveis — disse.

— Estáveis?

— Sim. Permanecemos exactamente no mesmo lugar.

Houve um silêncio.

Não daqueles pesados, que esmagam, mas daqueles leves, que se acomodam — como poeira sobre móveis antigos.

E então fiz algo extraordinário.

Nada.

Sentou-me, respirei, e deixei o tempo passar — esse funcionário invisível, mais eficiente do que todos os outros.

Porque, no fim de contas, leitor, a grande vitória não é mudar o mundo.

É compreendê-lo... sem perder completamente o riso.

Se o consegui?

Não sei.

Mas dizem que, ontem, entre um carimbo e outro, sorri.

E isso, neste contexto, já é quase uma revolução — dessas silenciosas, discretas, e profundamente inúteis... como todas as que realmente importam.

FIM